



» entrevista | WELLINGTON DIAS | MINISTRO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Titular da pasta diz que, no pleito de outubro, será decidido o futuro do Estado de Direito e ressalta não querer "um rei para o Brasil". Ele acusa o clã Bolsonaro de antipatriotismo e avalia que o cenário eleitoral é melhor para Lula do que em 2022

"É a democracia que está em jogo"

» VICTOR CORREIA

Para o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), Wellington Dias, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

tem um cenário melhor do que em 2022 para disputar a reeleição. Dias, apontado como um dos coordenadores da campanha presidencial, com foco no Nordeste, avalia que o chefe do Executivo possui palanques mais fortes desta vez e que não

enfrentará o "vale-tudo" do último pleito, citando a liberação de auxílios pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e ações ilegais como o bloqueio de estradas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Em entrevista ao *Correio*, o ministro argumentou ainda que a

democracia brasileira está em jogo novamente e que "não quer um rei para o Brasil". Ao comentar falas recentes do senador e pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL-RJ) — que pediu uma "pressão diplomática" dos Estados Unidos sobre as eleições brasileiras —, Dias ressaltou que

Brasil quer uma relação soberana com os demais países, e não de submissão, e que a posição da família Bolsonaro sempre foi de "antipatriotismo".

Questionado sobre seu futuro no governo, Dias afirmou que, possivelmente, permanecerá à frente do ministério e que deve se afastar do cargo

temporariamente apenas mais perto das eleições. Ele também destacou conquistas de sua gestão, como a retirada do Brasil do Mapa da Fome, e projetou investimentos em tecnologia e eficiência para um eventual quarto mandato de Lula. A seguir, os principais trechos da entrevista.

As pesquisas recentes mostram o presidente Lula e o senador Flávio Bolsonaro basicamente empatados. Como o senhor avalia esse cenário? Será uma campanha difícil?

Eu digo que eleição desafiadora, eleição difícil, foi a de 2022. Nós estávamos fora do governo, em um momento em que era um vale-tudo. Estamos falando, aí, de despejar cerca de R\$ 700 bilhões no ano das eleições. Olha o que aconteceu com os consignados do Bolsa Família, com a liberação do auxílio emergencial — um instrumento importante, porém, com várias provas de uso eleitoral. Veja o uso da Polícia Rodoviária Federal (PRF), hoje, comprovadamente, já com pessoas indiciadas (por parar eleitores em blitz irregular). Em 2026, ainda temos polarização, temos tensões, desafios, mas sou otimista. Avalio que, sim, o presidente Lula deve vencer.

O que difere os dois pleitos, em termos práticos?

Temos, na minha visão, palanques melhores do que tínhamos na eleição, lá atrás, em muitos estados. No Rio de Janeiro, hoje a gente tem um palanque mais forte, sob a liderança do ex-prefeito do Rio Eduardo Paes. Com uma chapa também muito potente. Em Minas Gerais, estou animado com a possibilidade de o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) compor a chapa. Estão se discutindo nomes como Josué Alencar, filho do ex-vice-presidente José Alencar; Marília (Campos); (Alexandre) Kalil; vários nomes também bem potentes. Eu acho que sai uma chapa ali de centro, apoiada pela esquerda.

O senhor será coordenador da campanha no Nordeste. Como avalia o cenário na região?

O Nordeste, sejamos sinceros, fez talvez a maior contribuição para salvar o Brasil de uma interrupção da democracia, colocando próximo de 10 milhões de votos de maioria na última eleição, em que a coragem exigia muito do nosso povo. Nesta eleição, há uma tendência também de o Nordeste dar uma grande votação. Nós temos ótimos palanques, seja na Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Alagoas. Ali no Rio Grande do Norte, a gente está tratando como fazer com essa decisão do vice-governador (Walter Alves) de não assumir o mandato com o afastamento da governadora Fátima Bezerra, que estava previsto — ela iria para o Senado. Então, vamos ter um olhar todo especial sobre como reorganizar naquela região. No estado do Ceará, no meu Piauí, no Maranhão, em vários estados, o nosso campo político, por uma situação local, pode lançar mais de uma candidatura. O que estamos trabalhando no Nordeste, também para o Brasil, é como sair das eleições com um número significativo de senadores e senadores, ampliar para a Câmara Federal e, é claro, eleger uma quantidade grande de governadoras e governadores, e também nas Assembleias Legislativas.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



E nas demais regiões?

No Rio Grande do Sul, a gente melhorou muito. Bons palanques também lá no Paraná, em Santa Catarina, no Centro-Oeste. A Região Nordeste tem um elo muito forte com o presidente Lula. A Região Norte, também. Além do Pará, sob a liderança do governador Helder Barbalho. Também no Amazonas, onde a gente tinha muita dificuldade em 2022, agora com a candidatura do senador Omar Aziz (PSD-AM), com o senador Eduardo Braga (MDB-AM), com outros líderes ali de muito peso. No Sudeste, em São Paulo, com a presença do ex-ministro da Fazenda Fernando Haddad, com Simone Tebet, que também estamos lá trabalhando a finalização dessa composição, e a perspectiva de crescimento para deputado estadual, deputado federal, enfim, para que a gente possa alcançar bons resultados.

Quando essas composições locais começam a influenciar a disputa nacional, formando os palanques do presidente Lula?

Eu digo que agora, após a semana santa, é que a gente começa propriamente a ter a finalização em cada estado. É o período em que se tem a decisão, quem está em qual partido, quem se afastou para candidaturas, ou para alguma missão. E eu digo que, quando o presidente Lula entra em campo, com a experiência dele, do nosso vice-presidente Geraldo Alckmin, são pessoas que têm uma força muito potente. Nós vamos ter ali as células de apoio para fazer uma campanha forte. É a democracia brasileira que está em jogo. Queremos um país democrático ou queremos um rei? Eu quero um presidente democrático. Não quero um rei para o Brasil.

Como avalia a declaração de Flávio Bolsonaro pedindo uma "pressão diplomática" dos

É muito difícil uma onça se disfarçar de gato. O fato concreto é que todas as palavras do ex-presidente (Jair) Bolsonaro, do próprio pré-candidato Flávio Bolsonaro, e isso está presente com os irmãos, são de antipatriotismo. Ou seja, de não valorizar a importância de uma relação soberana. É de submissão"

A eleição desafiadora, eleição difícil, foi a de 2022. Nós estávamos fora do governo, em um momento em que era um vale-tudo. Estamos falando, aí, de despejar cerca de R\$ 700 bilhões no ano das eleições"

Estados Unidos sobre as eleições brasileiras?

Eu digo que é muito difícil uma onça se disfarçar de gato. O fato concreto é que todas as palavras do ex-presidente (Jair) Bolsonaro, do próprio pré-candidato Flávio Bolsonaro, e isso está presente com os irmãos, são de antipatriotismo. Ou seja, de não valorizar a importância de uma relação soberana. É de submissão. O Brasil não quer ser colônia nunca mais. O Brasil quer uma relação de igual para igual. Não aceitamos nunca mais ditadura. Autoritarismo, pessoas que acham que podem tudo. Nós queremos um país de diálogo, em que possamos respeitar as instituições, os Poderes, os estados, os municípios; que possamos trabalhar setor público, setor privado, quem é trabalhador, quem é empresário. E é isso que vem sendo praticado pelo presidente Lula com o vice-presidente Geraldo Alckmin. Queremos, sim, manter uma ótima relação diplomática, como fazemos com os Estados Unidos. O presidente Lula sentou-se com o presidente (Donald) Trump, mas de igual para igual.

Além da coordenação da campanha, o senhor foi cotado para substituir a ministra Gleisi Hoffmann na Secretaria de Relações Institucionais (SRI). Isso deve ocorrer?

A ministra Gleisi terá, provavelmente nesta semana, uma posição de aconselhamento ao presidente, com a experiência dela. Eu diria que ela é quem terá um peso muito importante junto ao presidente Lula, e a escolha é dele. A princípio, eu devo permanecer no MDS. Após a oficialização da coordenação na convenção, eu já deixei reservado para férias, para as condições de afastamento, para me dedicar exclusivamente à campanha no período prioritariamente das eleições.

O senhor já sabe o que fará em um eventual quarto mandato do presidente Lula? Deve ficar no MDS, ou cumprir outro papel?

O eu digo que é seguro é que, pela vontade do povo do Piauí, até 2030 eu sou senador. Eu estou aqui pela confiança do presidente Lula, e ele sabe que eu sou uma liderança de missão. É uma missão compatível com minha experiência e meu conhecimento. Abraço sempre com muito prazer. O que posso lhe dizer é que trabalhar com as equipes competentes que temos no Ministério de Desenvolvimento Social, integrado com uma rede extraordinária do Suas, do Sisan (Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional), uma rede integrada com educação, saúde, trabalho, enfim, com estados e municípios, ela é também uma ação muito dura, mas muito prazerosa. Você consegue aqui comemorar importantes vitórias.

Outro fator que preocupa o governo agora são os impactos da guerra do Irã, especialmente com a disparada do preço do petróleo. O senhor monitora os efeitos nos preços dos alimentos? Há medidas em estudo caso a guerra se arraste?

Sim. E eu coordeno a Caisan, que é a Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. São 24 ministérios. Nós acompanhamos a execução, de um lado, do Plano Brasil sem Fome, do Plano Safra, do Plano de Superação da Pobreza e do Plano de Desenvolvimento Econômico. Como é que está o estoque? Estamos trabalhando para que o Brasil, cada vez mais, tenha ali uma política de estoque mais eficiente. O que exportar? O que garantir para o consumo do povo brasileiro? Tivemos já a adoção de medidas, como essa do aumento do preço dos combustíveis, especialmente o óleo

diesel, em que, de forma criminosa, fez-se aumento mesmo sabendo que o presidente Lula tinha dado uma compensação, com a redução de tributos e taxas. O presidente Lula anunciou, também, incentivos e estímulos para garantir a manutenção dos preços dos insumos para a produção de adubo. Até aqui, a oscilação dos preços está abaixo das expectativas, que é muito positivo. E o governo do Brasil vai adotar todas as medidas necessárias para proteger o povo brasileiro.

Como o senhor avalia as entregas de sua pasta, uma das maiores vitrines do governo Lula, neste último ano de mandato?

Tiramos o Brasil do Mapa da Fome. Devemos ter alcançado, em 2023, 2024 e 2025, mais de 30 milhões de pessoas que estavam na insegurança alimentar, na fome, e que conseguiram segurança alimentar. Em 2025, alcançamos mais 2,069 milhões de famílias que saíram da miséria e da pobreza, por isso que saíram do Bolsa Família. Agora, devemos ter chegado a mais de 20 milhões de pessoas. E um dado animador: com mais de 5 milhões de pessoas que alcançaram a classe C, B e A. Além de sair da miséria, sair da pobreza, saíram da baixa renda e foram para a classe média alta. Então, esse caminho é a grande novidade, porque eu digo que é o caminho que dá solidez a não mais voltar para a fome.

O que esperar de um novo período na área do Desenvolvimento Social?

Estamos trabalhando cada vez com mais eficiência. Temos novidades agora, também, deste mandato, a Dataprev; e aqui também integrado com a Serpro. Elas se tornaram o cérebro de toda a base de dados das mais diferentes áreas: do MDS, do Ministério da Saúde, da Educação, do Trabalho, várias áreas. Isso permite, por exemplo, aperfeiçoar cada vez mais, garantir um acompanhamento de pessoas com um cruzamento de dados que chega a 1,7 petabyte de informações, com o uso de inteligência artificial (IA) desenvolvida no Brasil. Nesse aspecto, a gente ainda tem como avançar.

E no combate à pobreza?

Um passo também importante é o Brasil, cada vez mais, torna-se eficiente para tirar municípios, regiões, da pobreza. Nós estamos com um trabalho, por exemplo, na região do Arquipélago de Marajó e também em outras regiões do Brasil. Aqui é uma ação integrada, 24 ministérios. Como é que a gente cuida desse sistema de água, melhoria na rede e na qualidade da educação, na saúde, na infraestrutura, estrada — ali tem muito transporte marítimo, transporte fluvial — energia, como é que garante segurança na área de energia, a perspectiva de atração de investimento para o turismo, para a industrialização de produtos, que a região é muito rica. Então, esse trabalho vai acelerar de maneira muito forte, para o Brasil seguir como um país de oportunidades.